



Haroldo Maranhão e Rosa Assis, em 27.05.2001

UM AGRADÁVEL REENCONTRO

Rosa Assis

Doutora em Letras. Professora da Universidade da
Amazônia - UNAMA

Na manhã de domingo do dia 27 de maio de 2001, corremos à casa de Benedito Nunes para encontrar Haroldo Maranhão - hoje figura rara em Belém, homem singular e escritor de diferentes estilos. Era uma festa só, entre abraços e risos, todos que lá estavam aproveitando o momento para extrair de Haroldo o ontem, o hoje e o amanhã de sua vida como jornalista e como escritor; ou simplesmente bater papo com o amigo distante que ali estava bem próximo. Não se recusou ele a nada, ao contrário, alegre e sorridente caminhava entre os amigos, repórteres e câmeras de filmagem. Ora voltava-se para Benedito Nunes ou Maria Sílvia, ora estava com Max Martins e Gilberto Chaves, ou com Rosa Assis e Pedro Pinho, e ainda mais, dividia-se entre os irmãos Lúcio Flávio e Elias Pinto, e ainda Alonso Rocha e outros mais. Foi no meio daquele furdunço todo, num cantinho à parte, que se deu o agradável reencontro entre a eventual entrevistadora e o esquivo escritor, amigo de muitos anos, que nada se esquivou a responder nessa entrevista especial em que de certa maneira se abriu às *Asas* da palavra.

O que representou para ti a livraria Dom Quixote, em Belém?

• *O título mais ou menos responde a isso, né - foi uma quixotada, né - quer dizer, eu realmente, com a livraria Dom Quixote, eu passei do lado de fora pro lado de dentro do balcão, passei a vender e não a comprar, embora levasse pra casa livros também, inclusive o dicionário do Moraes (eu sempre tive fixação por dicionários). Então, eu levei a livraria, eu quis justamente estabelecer um dinamismo, uma velocidade do livro editado no Rio e em São Paulo para chegar a Belém em ritmo de velocidade. Agora, o que que isso significou? Significou o seguinte: primeiro, o transporte não era rodoviário, o transporte era marítimo, entende, se viesse como as outras livrarias recebiam, por via marítima, eram lá uns três, quatro, cinco meses. Eu mandava trazer de avião. Quando saiu um livro do Sartre, Furação sobre Cuba, foi uma série de reportagens que ele escreveu para a imprensa. Lá na França essas reportagens foram [publicadas em jornal ou revista] e só no Brasil, e não na França, reunidas num volume, e a Editora do Autor publicou Furação sobre Cuba, do Sartre. Eu mandei buscar 500 exemplares por via área, é compreensível que eu não ia ter lucro nenhum, não tive, só o prazer de trazer com rapidez um livro recém-saído e que esgotou, parece que num ou dois dias estavam esgotados os 500 exemplares que eu mandei buscar por via área, quer dizer, lucro não foi, foi o quê? uma quixotada. Dom Quixote, o nome adequado.*

• Como vias a atuação da Folha do Norte em Belém de tua época?

Bom, na Folha do Norte eu fui desde revisor, eu fui revisor de provas, né, naquela época era o velho sistema chamado a quente, não era a frio, não havia computador portanto, que só O Liberal viria a introduzir. Então, foi uma oportunidade que eu tive de fazer revisão, a revisão de paquet, que vinha das oficinas, através de um elevador em que eles punham, tocavam uma campainha e puxavam um cabinho, aquele cabinho. Sim! Eu me lembrei do elevador d'A Cidade e as Serras, do Eça, que um dia o peixe, o peixe ficou entre um e outro andar, você sabe disso, você é especialista em literatura portuguesa (eu sei disso), entendeu, e isso sempre me lembrava. Qualquer dia aparece um peixe aí, é o peixe do Prado, do... é, do Prado, o amigo do Eça, e tal; era o Eduardo, ele parece que deu o nome de Eduardo.

• Como era a tua atuação como cronista?

Dentro do Jornal eu comecei como revisor, fui repórter, chamavam repórter de setor, na época. Eu, com 13 para 14 anos, fui repórter policial, fazia rua, tinha essa coisa de repórter de setor, e tal, e... quer dizer, eu enfrentei essa coisa bruta das ruas, assim, embora não houvesse a violência e a virulência dos dias de hoje, em qualquer parte aqui ou onde quer que seja no mundo afora. Depois de cronista, aí eu fui redator do Jornal e cheguei ao ponto que hoje corresponde ao editor, que era chamado o Secretário. Chamavam na época de Secretário de Redação, era o ponto mais alto, eu cheguei a este ponto, dali era, possivelmente, um cargo de direção, isso nunca me foi dado, nem oferecido: nem pelo meu avô, nem pelo meu pai. Nunca me foi oferecido; também eu não reclamei, cheguei e vi que não tinha mais nada para fazer. Tinha feito a minha livraria,

tinha feito muitas coisas, escrevi crônicas no próprio Jornal. Aí eu vim embora para o Rio de Janeiro. Eu fui para o Rio em 61, no dia da renúncia do Jânio Quadros, ou seja, há 40 anos, você ainda engatinhava e muitos dos nossos amigos aqui ainda nem tinham nascido.

- Fala um pouco daquela tua crônica, não publicada, sobre o Porto d'Honra ao Capitão.

Aquilo foi uma homenagem ao capitão Galvão, um homem que eu conheci depois, pessoalmente, no Rio, na casa do Álvaro Lins, que tinha sido embaixador do Brasil em Portugal e que deu asilo político ao Galvão e ao Delgado - general Humberto Delgado. Ele não pôde acolher, diretamente, na residência do embaixador onde eles teriam acomodações melhores, eles foram recebidos na chancelaria e depois levados em automóvel em território português. Tinha a polícia secreta, era a PIDE, chamavam PIDE, não sei o quê, era a polícia política do Salazar, né. Eu sempre abominei o Salazar, fascista, ditador, essa coisa, bom. Então, o Galvão pegou o navio Santa Maria, um navio de passageiros e, vamos dizer assim, e seqüestrou, seqüestrou, chamando, portanto, atenção do mundo para o fascismo, em Portugal. E... eu levantei portanto um Porto de honra, um Porto d' Honra ao Capitão, entendeu. Eu também não me aborreci com isso, entendeu, mas saiu na imprensa, porque quando eu cheguei ao Rio o Álvaro Lins dirigia o Suplemento do Diário de Notícias e me acolheu, e disse: você escreva tudo o que quiser e, semanalmente, você terá um espaço no Jornal, e me deu um espaço, sempre generoso, no Suplemento. Fui colaborador assíduo do Diário de Notícias, que era o maior jornal na época, maior do que Globo, Jornal do Brasil, e tal, era o Diário de Notícias.

- Dos teus livros publicados, qual o que te deu mais satisfação?

Eu vou repetir aquilo que disse, eu não sei se foi o último ou o penúltimo, enfim, foi Memorial do Fim, a morte de Machado de Assis. É, realmente me deu muita satisfação, porque, primeiro, eu escrevi manuscritamente, aliás eu sempre escrevo manuscritamente. Eu não tenho muita intimidade com o computador, eu, geralmente, passava a limpo para o computador. Mas eu escrevi e procurando, e perseguindo o ritmo do próprio Machado de Assis, que escrevia lentamente, né, até alcançar o tinteiro com a caneta, com aquela pena e tal. Mas eu posso dizer sim, agora, com segurança, que me deu mais satisfação, até porque me deu muito trabalho, foi este, o Memorial do fim, a morte de Machado de Assis.

- Como tu vê o Brasil literário, hoje?

Eu não acompanho muito, porque primeiro tenho dificuldades visuais, eu estou com problemas na minha vista e não leio assim. Sempre a política me atrai, eu sou realmente como o Mendes foi, você chama de teu tio Mendes, é, e o meu filho também chama de tio Mendes, porque conheceu o Mendes quando tinha três anos, e hoje ele está com mais de trinta, o meu filho. É, então, o último livro que eu li foi aquele Recado do Planalto, do jornalista..., como é o nome dele? Ele foi editor da Veja, editor do Grupo Abril, editor do Estadão, acho, não sei se chegou a ser editor da Folha de S. Paulo, e que agora é o editor do Jornal do Brasil, que foi comprado. Os Nascimento Brito perderam a maioria acionária que tinham na composição do capital do Jornal do Brasil, e ele é que está dirigindo, o nome dele me escapa agora, ele é muito conhecido, um jornalista muito conhecido. Então, ele disse que dentro de seis meses o Jornal do Brasil (ele já está parece que há três meses) será um jornal legível. Trouxe muita gente de São Paulo, ele conhece, são pessoas que ele conhece, então ele está lá. Eu li o livro dele, foi sobre o governo Collor, umas 800 páginas, foi editado pela Companhia das Letras Editora. E tenho um romance que está interrompido. Eu interrompi quando fiz o Dicionário de Futebol. Eu tenho um dicionário de futebol, embora não sendo muito aficionado. Sou Remo no Pará, sou Botafogo no Rio, e em São Paulo, Corinthians, mas fui isento em relação aos demais clubes: Vasco, Flamengo... e tal. Até a torcida, na época eu pude apurar que tinha a de Belém, torcida do Flamengo, chamada Flá-Flá de Belém, num jogo com a Fafá de Belém e 45 Flá-Flá do Flamengo. Não sei se ainda existe essa torcida organizada, mas o Dicionário registra. São umas 300 páginas que a Editora Record publicou.

- Por que intitulaste um dos teus livros com o estranho título A morte de Haroldo Maranhão?

Porque não sou eu, era um cidadão que se chamava também Haroldo Maranhão. Eu comecei é, eu comecei a partir, é, seria um conto, depois eu fiz um outro conto, que de alguma forma se harmonizava com o primeiro conto. Acabei fazendo um terceiro, e juntei os três, daria uma pequena novela, né? E... Haroldo Maranhão. Eu tenho alguma dificuldade pra assimilar isso, assim, né, a princípio, né? Uma vez eu encontrei em Brasília, eu estava em Brasília, encontrei um sujeito que se espantou e... disse: - Mas...! (ficou assim, né) - Mas!... eu soube que você morreu, saiu até um livro, A morte de Haroldo Maranhão. - É, eu disse, é, mas foi um outro, não eu [há!há!há!] Isso aconteceu, um sujeito que me conhecia de Belém, ou não sei de onde, e que se espantou...